

Algumas perguntas para você pensar...

Pessach é conhecida como a festa em que as perguntas são encorajadas. Que outras perguntas sobre a Opressão e sobre a Liberdade você gostaria de trazer para o seu seder este ano?

Aqui vão algumas ideias:

- Como podemos usar as discussões do seder para melhorar nossa interação com o mundo?
- Em sua opinião, qual deve ser a ênfase das conversas ao redor da mesa de Pessach: a libertação dos hebreus do Egito ou a luta contra a opressão nos nossos dias?
- De que ferramentas dispomos hoje em dia para agir em defesa dos valores representados por Pessach?
- De que maneira a criação do Estado de Israel mudou a responsabilidade que judeus têm de agirem pelo fim da opressão nos lugares em que se encontram?



PESSACH

נֶסֶח

08 a 16 de Abril, 2020
15 a 22 de Nissán, 5780



Por: Rabino Rogério Cukierman

A origem da comemoração de Pessach

Com a lua cheia, em 15 de Adar, o primeiro mês do ano na contagem bíblica, os hebreus, que haviam permanecido em Mitsrayim por mais de quatro séculos, foram libertados. A noite anterior tinha sido passada em apreensão: um cordeiro deveria ser sacrificado, seu sangue usado nos batentes das portas para indicar as casas dos hebreus que seriam poupadas da última praga, a morte dos primogênitos; a carne do cordeiro assada e consumida por cada família com matsá e ervas amargas; o cinto apertado, sandálias nos pés, cajado na mão, prontos para partirem; tudo devia ser consumido de forma apressada. É assim que a Torá relata o primeiro Pessach, que na tradição passou a ser chamado de Pessach Mitsrayim, a noite em que os hebreus foram libertados.

Os versos seguintes a este relato apresentam também a forma como Pessach deveria ser comemorado dali para frente (o que na tradição passou a ser chamado Pessach haDorot): com matsot e sem o consumo de chamêts por sete dias. Quando o povo entrasse na Terra de Israel e a experiência da servidão fosse apenas uma memória, seus filhos lhes perguntariam o motivo deste ritual - e os hebreus deveriam explicar a seus filhos que era para se lembrar da forma como Deus os havia redimido da opressão em Mitsrayim. Esta ideia, de que os pais devem explicar a seus filhos sobre a saída de Mitsrayim, deu origem ao Seder de Pessach.

A comemoração de Pessach nos nossos dias

De acordo com a tradição, não apenas nos lembramos da saída de *Mitsrayim* em Pessach, mas revivemos aquele momento: em cada geração, toda pessoa é obrigada a ver a si mesma como se ela tivesse sido pessoalmente libertada. O Seder de Pessach é nossa forma de reviver e explicar, de ir da opressão à redenção, de ligar nossa libertação no passado com os desafios que enfrentamos no presente e de expressar nossa esperança de que alcancemos sua solução também em nossas vidas: *ba shaná ha-baá biYerushalayim*.

O rabino e filósofo israelense, Donniel Hartman defende que há mais de uma história sobre o Êxodo que pode ser contada em Pessach. Uma versão relata um episódio de redenção do povo judeu. É uma perspectiva em que a experiência do Êxodo é particular e tem pouco a ensinar sobre outros episódios de opressão nos quais o povo judeu não esteja envolvido. Uma outra

versão da história trata de um processo de Libertação conduzido porque Deus odeia a opressão, independentemente das partes envolvidas. Hartman lembra que estas duas perspectivas foram contempladas no texto da *hagadá*, mas que nem sempre recebem o mesmo destaque na forma como contamos a história – e nos desafia a considerar qual mensagem queremos privilegiar em nossos *sedarim*.

A tensão entre a servidão/libertação dos hebreus ou as opressões contemporâneas tem definido, em grande parte, a forma como o ritual se desenvolveu no último século. Por uma narrativa mais contemporânea e inclusiva, estão *sedarim* nos quais a opressão de mulheres, refugiados, LGBTQ+, negros, ocupam lugar central como expressão do ocorrido em *Mitsrayim*. A criação de *hagadot* feministas, por exemplo, é extensa e remonta há quase cinco décadas. Nestes textos, é destacado o papel



das mulheres na redenção dos hebreus: Iocheved, a mãe de Moshé que teve a coragem de ter um filho apesar das restrições impostas pelo faraó; Miriam, a irmã que acompanhou a cesta em que Moshé estava e ofereceu ajuda à filha do faraó; Bat-la, a filha do faraó, que tendo encontrado um bebê hebreu nas águas do rio, contrariou as ordens de seu pai e o salvou; Shifra e Puá, as parteiras egípcias que se negaram a seguir as ordens do faraó para matar os meninos hebreus porque eram “tementes a Deus.” Numa adição ao ritual de Pessach, uma laranja foi adicionada à *keará*, o prato com alimentos simbólicos colocado no centro da mesa. De acordo com Susannah Heschel, a autora desta ideia, “eu escolhi a laranja porque ela sugere como pode ser frutífero para todos os

judeus quando lésbicas e homens gays são membros ativos e contribuem para a vida judaica.”

Outra adições recentes à *keará* incluem azeitonas (em lembrança ao conflito entre israelenses e palestinos, por sua importância para as duas culturas); e produtos agrícolas nos quais as práticas de produção contemporâneas possam incluir o trabalho em condições similares à escravidão (como cana de açúcar, avelã, cacau e tomate). Em contextos reformistas, cada família e cada comunidade é convidada a buscar como expressar, de forma ritual, sua preocupação com as questões contemporâneas que envolvam a opressão de grupos ou comunidades.

